

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA
EUNICE CORREA VIEIRA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Agora, você já conhece o romance *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne, essa obra continuará servindo como base para o texto gerador deste ciclo. No capítulo a seguir podemos conhecer mais um pouco do personagem Jean Passepartout.

CAPÍTULO II

Em que passepartout se convence de que finalmente encontrou o seu ideal

— *Palavra, disse consigo Passepartout, ainda um pouco estonteado a princípio, conheci no museu de Madame Tussaud criaturas tão vivas quanto o meu novo patrão!*

Convém dizer que as “criaturas” de Madame Tussaud são figuras de cera, muito visitadas em Londres, e às quais, na verdade, apenas falta a palavra.

Durante os poucos instantes em que acabava de entrever Phileas Fogg, Passepartout tinha rápida, mas cuidadosamente, examinado seu futuro patrão. Era um sujeito que parecia ter quarenta anos, de aspecto nobre e belo, estatura elevada, que não mostrava sequer um ligeiro excesso de peso, cabelos e suíças louros, testa lisa sem rugas nas têmporas, face mais pálida que colorida, dentes magníficos. Parecia possuir no mais alto grau o que os fisionomistas chamam de “o repouso na ação”, faculdade comum a todos os que fazem mais obras que barulho. Calmo, fleumático, olhar límpido, pálpebra imóvel, era o tipo acabado desses ingleses de sangue frio que se encontram frequentemente no Reino Unido, e cuja atitude um pouco acadêmica Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduziu nas suas telas. Visto nos diversos atos de sua existência, este gentleman dava a ideia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes, muito refletido, tão perfeito como um cronômetro de Leroy ou de Earnshaw. É que, efetivamente, Phileas Fogg era a exatidão personificada, o que se via claramente pela “expressão dos seus pés e de suas mãos”, porque no homem, assim como nos animais, os próprios membros são em si órgãos expressivos das paixões.

Phileas Fogg era desses indivíduos, matematicamente exatos, que, jamais apressados e sempre prontos, são econômicos em seus passos e em seus movimentos. Não dava uma

passada a mais, indo sempre pelo caminho mais curto. Não perdia tempo, sequer um instante, a olhar para o teto. Não se permitia um gesto supérfluo. Ninguém nunca o tinha visto comovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Compreender-se-á, portanto, a razão por que vivia só, e por assim dizer fora de toda relação social. Sabia que na vida é preciso ter em conta os atritos, e como os atritos atrasam, para os evitar, não entrava em contato com ninguém.

Quanto a Jean, vulgo Passepartout, um verdadeiro Parisiense de Paris, nos cinco anos que habitava a Inglaterra e ali exercia em Londres a profissão de criado de quarto, em vão procurara um patrão a quem pudesse se afeiçoar.

Passepartout não era um desses Frontins ou Mascarilles que, empertigados, nariz ao vento, olhar firme, olho seco, não passam de impudentes velhacos. Não. Passepartout era um rapaz excelente, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre prontos para degustar ou para acariciar, um ser doce e serviçal, com uma dessas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha os olhos azuis, a cor do rosto animada, a figura suficientemente gorda para que pudesse ver seus joelhos, peito amplo, talhe forte, uma musculatura vigorosa e possuía uma força hercúlea que os exercícios da sua mocidade tinham desenvolvido muito. Seus cabelos castanhos eram um pouco revoltos. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de compor a cabeleira de Minerva, Passepartout só conhecia uma para arranjar a sua: três passadas de pente, e estava penteado.

Dizer que o caráter expansivo deste rapaz haver-se-ia de harmonizar com o de Phileas Fogg, é coisa que a prudência mais elementar não permite dizer. Seria Passepartout o criado funcionalmente exato que convinha a seu patrão? Só o tempo diria. Depois de ter tido, como se sabe, uma mocidade bastante vagabunda, aspirava ao repouso. Tendo ouvido gabar o metodismo inglês e a proverbial frieza dos gentlemen, veio procurar fortuna na Inglaterra. Mas, até então, a sorte lhe fora ingrata. Não pudera se enraizar em parte alguma. Servira em dez casas. Em todas, os patrões eram caprichosos, extravagantes, e gostavam, ou de correr aventuras, ou correr países — o que não poderia convir a Passepartout. Seu último patrão, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar suas noites nos “oysters-rooms” de Haymarket, voltava com muita frequência para casa sobre os ombros dos

policemen. Passepartout, que queria acima de tudo ter respeito por seu patrão, arriscou algumas respeitosas observações, que foram mal recebidas, e rompeu. Neste meio tempo soube que Phileas Fogg, esquire, procurava um criado. Tirou informações a respeito deste gentleman. Um personagem cuja existência era tão regular, que não trasnitava, que não viajava, que não se ausentava jamais, sequer um dia, certamente lhe conviria. Apresentou-se e foi admitido nas condições que sabemos.

Passepartout — ao soarem onze e meia — achava-se pois só na casa de Saville Row. Começou logo a inspeção. Percorreu-a do porão ao sótão. Esta casa limpa, arranjada, severa, puritana, bem organizada para o serviço doméstico, agradou-lhe. Produziu nele o efeito de uma bela casca de caracol, mas de uma casca iluminada e aquecida a gás, porque ali o hidrogênio carburado bastava para todas as necessidades de luz e de calor. Passepartout encontrou sem dificuldade, no segundo pavimento, o quarto que lhe fora destinado. Ele lhe convinha. Campainhas elétricas e tubos acústicos punham o quarto em comunicação com os apartamentos de baixo e do primeiro andar. Sobre a chaminé havia um relógio de pêndulo elétrico que estava acertado pelo do quarto de dormir de Phileas Fogg, e os dois aparelhos marcavam ao mesmo tempo, o mesmo segundo.

— Convém-me, convém-me! disse consigo Passepartout.

Reparou também, no seu quarto, em um cartaz colocado acima do relógio. Era o programa do serviço quotidiano. Compreendia — desde as oito da manhã, hora regulamentar a que Phileas Fogg se levantava, até às onze e meia, hora em que saía para ir almoçar no Reform Club — todos os detalhes do serviço, o chá e as torradas das oito e vinte e três, a água para a barba das nove e trinta e sete, o penteado das dez menos vinte, etc. Depois, das onze e meia da manhã até à meia noite — hora em que metodicamente o gentleman se deitava — tudo estava anotado, previsto, regulamentado. Passepartout encontrou grande satisfação em meditar este programa e em gravar os seus diversos artigos no espírito.

Quanto ao guarda-roupa do patrão, estava ele bem fornecido e maravilhosamente disposto. Cada calça, casaco ou colete tinha um número de ordem reproduzido num registro de entradas e de saídas, indicando a data em que, segundo a estação, estas vestimentas deveriam ser por seu turno usadas. Mesma regulamentação para os sapatos.

Em uma palavra, nesta casa de Saville Row, que deveria ter sido o templo da desordem na época do ilustre mas dissipado Sheridan — havia uma mobília confortável, anunciando um belo descanso. Nada de biblioteca, nada de livros, que seriam sem utilidade para Mr. Fogg, posto que o Reform Club colocava à sua disposição duas bibliotecas, uma consagrada às letras, outra ao direito e à política. No quarto de dormir, um cofre-forte de tamanho médio, cuja construção o punha a salvo tanto de incêndio quanto de roubo. Nada de armas na casa, nenhum utensílio de caça ou de guerra. Tudo ali denunciava os hábitos mais pacíficos.

Após ter examinado esta habitação em detalhes, Passepartout esfregou as mãos, o semblante dilatou-se-lhe e repetiu alegremente:

— Convém-me! é disso que gosto! Entender-nos-emos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e regular! Um verdadeiro robô! Ora, não me importa servir um robô!

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Em uma narrativa, ao longo do desenrolar dos fatos, o leitor começa a conhecer um pouco mais das personagens que participam da história por meio das informações que o narrador vai fornecendo sobre elas. Assim, leia o quadro em seguida e reveja um pouco da vida da personagem Jean Passepartout .

Após ter examinado esta habitação em detalhes, Passepartout esfregou as mãos, o semblante dilatou-se-lhe e repetiu alegremente:

— Convém-me! é disso que gosto! Entender-nos-emos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e regular! Um verdadeiro robô! Ora, não me importa servir um robô!

A partir das palavras de Passepartout, é possível concluir que ele possui algumas características semelhantes ao de seu patrão, por isso podemos dizer que ele é uma pessoa

- a) Que adora improvisar.
- b) Que age metodicamente.
- c) Que é capaz de agir com impaciência.
- d) Incapaz de se adaptar ao estilo de seu patrão.
- e) Que não gosta do fato de seu patrão parecer um robô.

Habilidade trabalhada

Relacionar características físicas e psicológicas dos personagens à sua composição como um todo.

Resposta comentada

Após ler o trecho destacado, o aluno deverá ser capaz de, com base nos comentários de Passepartout, chegar a conclusões acerca de suas características.

A opção **a**, — que adora improvisar, e a opção **b** — que é capaz de agir com impaciência, não podem ser, de certa forma, evidenciadas no trecho destacado pelo fato de a personagem gostar do fato de seu patrão parecer um robô. No entanto, nenhuma delas pode ser considerada correta, pois o objetivo da questão é analisar o trecho como um todo.

Tomando por base o quadro que deixa transparecer a satisfação de Jean ao descobrir semelhanças entre o patrão e ele, o aluno deverá perceber que não há nenhum traço que possa caracterizá-lo como uma pessoa incapaz de se adaptar ao gosto de seu patrão. Com isso, poderá concluir que a letra **e** é uma opção incorreta.

A opção **d**, incapaz de se adaptar ao estilo de seu patrão —, por fim, também está incorreta, já que não há, no quadro, nenhuma informação que leve a essa caracterização da personagem.

Em relação à alternativa, **b** — que age metodicamente, o discente notará que esta opção é a correta, pois a fala de Jean revela certa satisfação em observar os hábitos de seu patrão.

QUESTÃO 2

Ao narrar uma história, o autor pode apresentar as personagens, por meio de dois tipos de descrição: a subjetiva e/ou a objetiva.

Passepartout era um rapaz excelente, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre prontos para degustar ou para acariciar, um ser doce e serviçal, com uma dessas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha os olhos azuis, a cor do rosto animada, a figura suficientemente gorda para que pudesse ver seus joelhos, peito amplo, talhe forte, uma musculatura vigorosa e possuía uma força hercúlea que os exercícios da sua mocidade tinham desenvolvido muito. Seus cabelos castanhos eram um pouco revoltos. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de compor a cabeleira de Minerva, Passepartout só conhecia uma para arranjar a sua: três passadas de pente, e estava penteado.

O trecho destacado apresenta uma descrição mais objetiva ou mais subjetiva de Passepartout? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta comentada

Nesta questão, o discente deverá ser capaz de diferenciar uma descrição objetiva de uma descrição subjetiva. Como este conteúdo já foi trabalhado no bimestre anterior, ele

provavelmente identificará o trecho como uma descrição mais objetiva. Na passagem destacada, fica mais explícita a apresentação física de Jean do que as opiniões do narrador sobre ele.

QUESTÃO 3

Ao lermos um texto, é normal que não conheçamos o significado de todas as palavras. Porém, isso não nos impede de entender o texto. Releia o trecho apresentado no quadro abaixo e tente compreender o significado da palavra destacada de acordo com o contexto, depois responda à questão que segue.

*Sabia que na vida é preciso ter em conta os **atritos**, e como os **atritos** atrasam, para os evitar, não entrava em contato com ninguém.*

Quais significados você atribui à palavra **atritos**, de acordo com o contexto?

Habilidade trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta comentada

O desconhecimento de uma ou outra palavra que surge ao lermos um texto é normal, e esse fato não impede o entendimento do todo, da unidade linguística. O aluno deve ser estimulado a pensar no contexto e inferir o significado que palavras desconhecidas possam conter. Até porque, até mesmo nos dicionários, são apresentadas mais de uma definição para a mesma palavra, por isso o entendimento de que o contexto é relevante é muito importante.

Dessa forma, mesmo desconhecendo o significado da palavra **atrito**, o discente logo perceberá pelo contexto linguístico que a mesma se refere a contratempos, algo não esperado, os problemas que podem vir a surgir.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 04

No segundo bimestre, foi feito o estudo dos discursos direto, indireto e indireto-livre. Agora vamos recordar as principais características de cada um deles.

*O discurso direto se caracteriza pela fala visível dos interlocutores ou personagens e apresenta, geralmente, um verbo **dicendi** (“dizer”, “responder”, “afirmar”) ou um recurso de pontuação que indique tal tipo de discurso. O discurso indireto, por sua vez, apresenta a fala não visível dos personagens, pois ela é apresentada pelo narrador. Há, ainda, o discurso semi-indireto (ou indireto livre), em que a fala do personagem, por vezes, confunde-se com a do narrador em uma estrutura na qual não há verbo **dicendi**, nem pontuação indicativa do discurso direto, a fala do personagem se apresenta não visível e os períodos geralmente são livres, ou seja, sem elo subordinativo.*

Leia o trecho abaixo e resolva as atividades:

“— Convém-me, convém-me! disse consigo Passepartout.”

No trecho acima temos :

() discurso direto () discurso indireto

Habilidade trabalhada

Diferenciar e utilizar adequadamente os discursos direto e indireto.

Resposta comentada

Essa questão retoma o descritor “*Identificar os usos do discurso direto e indireto*”, trabalhado no 3º bimestre. Neste bimestre, espera-se que o aluno diferencie esses discursos.

Dessa forma, o aluno deve diferenciar os tipos de discurso e identificar que o trecho é escrito em discurso direto.

QUESTÃO 05

Passa o discurso “— *Convém-me, convém-me! disse consigo Passepartout.*” para o outro tipo, fazendo as alterações necessárias.

Habilidade trabalhada

- *Diferenciar e utilizar adequadamente os discursos direto e indireto.*

Resposta Comentada

Essa questão retoma o descritor “*Identificar os usos do discurso direto e indireto*”, trabalhado no 3º bimestre. Neste bimestre, espera-se que o aluno diferencie esses discursos.

Sugestão: Jean Passepartout disse para si mesmo que aquilo lhe convinha.

O aluno deve voltar ao texto gerador para contextualizar o trecho e também estar atento aos tempos verbais que precisam ser adequados ao discurso indireto.

QUESTÃO 06

Os sinais de pontuação são importantes para a conexão de informações em um texto. Além da pontuação, os conectivos, de uma forma geral, também servem a esse propósito quando fazem a ligação entre as ideias. Pensando nisso, observe a passagem do quadro e os travessões nela usados.

Reparou também, no seu quarto, em um cartaz colocado acima do relógio. Era o programa do serviço quotidiano. Compreendia — desde as oito da manhã, hora regulamentar a que Phileas Fogg se levantava, até às onze e meia, hora em que saía para ir almoçar no Reform Club — todos os detalhes do serviço, o chá e as torradas das oito e vinte e três, a água para a barba das nove e trinta e sete, o penteado das dez menos vinte, etc.

Considerando a explicação do trecho anterior, com qual objetivo o autor fez uso dos travessões nesse trecho?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.

Resposta Comentada

Nessa questão, espera-se que o aluno perceba que os elementos separados entre travessões, acrescentam a ideia inicial, uma explicação detalhada sobre a informação anterior.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Cristina. **Língua portuguesa - Projeto Eco**. 9ºano. Curitiba, Ed. Positivo, 2009.

GARCIA DE SOUZA, Cássia & CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **Linguagem - Criação e Interação**. 9º ano. São Paulo, Ed. Saraiva, 2009.